

A imprensa e o rádio em Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)^I

Caroline de Alencar Barbosa^{II}

Mônica Porto Apenburg Trindade^{III}

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discorrer sobre Sergipe durante os anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que após os torpedeamentos de 1942 a navios mercantes brasileiros vivenciou um estado de conflito com *blackouts*, toques de recolher e treinamento antiaéreo. Nesse cenário os meios de comunicação como a imprensa e o rádio exerceram papel fundamental no que diz respeito às notícias sobre a guerra e o posicionamento do Brasil frente a ela. Assim, rádio e imprensa se constituíram em importantes agentes de conhecimento das implicações geradas pelo conflito, principalmente nos locais mais distantes do cenário europeu como foi o caso de Sergipe.

Palavras-chave: Imprensa. Rádio. Segunda Guerra Mundial. Sergipe.

The press and the radio in Sergipe during World War II (1939-1945)

Abstract: This paper aims to discuss Sergipe during the years of World War II (1939-1945), which, after the torpedoing of Brazilian merchant ships in 1942, experienced a state of conflict with blackouts, curfews, and antiaircraft training. In this scenario, the media, such as the press and the radio, played a fundamental role in the news about the war, and Brazil's position on it. Thus, radio and the press became important agents of knowledge of the implications generated by the conflict, especially in the most distant places of the European scenario, as was the case of Sergipe.

Keywords: Press. Radio. World War II. Sergipe.

Artigo recebido em 04/12/2018 e aceito em 20/02/2019

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE

Introdução

Os meios de comunicação consistem numa importante ferramenta de sociabilidade, divulgação e disseminação de ideias, além de servir como instrumento educativo e cultural. Desde a invenção da imprensa, na segunda metade do século XV, por Johannes Gutenberg (1398-1468), cuja criação contribuiu para uma ampliação da circulação de informações, os indivíduos têm procurado encontrar cada vez mais, possibilidades de acesso às notícias e ao conhecimento dos acontecimentos ao redor do mundo.

Para tanto, o surgimento de mídias como o jornal, rádio, TV e, posteriormente, as mídias digitais, vem colaborando para a difusão dessas informações de maneira mais rápida, devido ao seu grande poder de alcance, atingindo a população de diferentes faixas etárias, gênero, nível de instrução e classe socioeconômica.

No que diz respeito às décadas de 1930 e 1940 no Brasil, os meios de comunicação utilizados foram o jornal e o rádio. Estes, não serviram somente como mecanismo de comunicabilidade em meio ao contexto de guerra, mas corroboraram também, para atender aos objetivos de um governo ditatorial, que intencionava formar “novos cidadãos”, por meio da cultura, educação e, paralelamente, da coibição.

Em relação à imprensa, ela exerceu um papel importante durante o Estado Novo, difundindo não só os resultados advindos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), bem como divulgando as “benesses” do Governo em prol da sociedade brasileira. De acordo com Andréa Sanhudo Torres, os órgãos de imprensa (entende-se jornais, revistas e o jornalismo através das estações de rádio), a partir de 1937, passaram a se “transformar em periódicos noticiosos”, consolidando assim, um novo regime jornalístico^{IV}.

Por sua vez, o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), criado em 1939, cuja função era de fiscalizar e censurar os meios de comunicação à época, contribuíram ainda mais, para que os jornais servissem aos interesses do regime estadonovista, ao emitirem suas manchetes.

Além da imprensa, outro meio de comunicação muito utilizado nesse período foi o rádio. Esse tipo de mídia também não fugiu ao controle e censura por parte do Governo, contribuindo assim, para a busca da legitimação do Estado Novo. Através de suas irradiações, conforme verificaremos no decorrer deste capítulo, objetivou-se divulgar ideias e regras, por intermédio de programas que possuíssem um perfil educativo e transmitissem além das notícias da guerra, momentos de cultura política.

Assim, rádio e imprensa se constituíram em importantes agentes na consolidação do estadonovismo e como meio de conhecimento das implicações geradas pelo conflito, principalmente nos locais mais distantes do cenário europeu.

Tomando como exemplo Sergipe, observaremos neste trabalho, como os impactos da Segunda Guerra Mundial, referente ao episódio dos torpedeamentos a navios mercantes nas costas baiana e sergipana, em agosto de 1942, foram noticiados pela imprensa local e internacional. Procuramos perceber nesses periódicos, a maneira que os mesmos retratavam o cotidiano de Aracaju diante desse contexto, o tratamento

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE

dispensado aos estrangeiros e ex-integralistas que residiam na cidade à época e o posicionamento da sociedade em relação aos resultados desse evento.

Por fim, em relação ao rádio, pretendemos demonstrar como ele exerceu um papel significativo nesse contexto, devido ao seu poder de alcance, diante de um país de grande dimensão territorial e com a maioria da população ainda analfabeta. Para tanto, elaboramos um breve histórico do seu surgimento e abordamos esse meio de comunicação, enquanto instrumento de transmissão cultural e de educação durante o período estadonovista. A fim de atingir tal objetivo, procuramos citar alguns exemplos, entre eles, o caso da Rádio Aperipê, a primeira estação radiofônica sergipana, apontando os tipos de programas transmitidos pela emissora à época.

Assim, na sequência, falaremos sobre o primeiro meio de comunicação proposto em nosso trabalho, utilizado durante a Segunda Guerra Mundial em Sergipe: a Imprensa.

O papel da imprensa e a divulgação da Segunda Guerra Mundial em Aracaju

A utilização da imprensa enquanto fonte de estudo para o historiador se desenvolveu a partir da década de 1970 com o alargamento da noção de fontes históricas promovida pelos *Annales*^V, o jornal passa a ser amplamente difundido enquanto subsídio para o estudo de sociedades e as interpretações produzidas por elas. Ao analisar discurso da imprensa o pesquisador deve levar em consideração o contexto, a fim de evitar anacronismos. Dessa forma, é necessário fazer “a busca do erro e da mentira” para não tomar o discurso histórico enquanto verdade absoluta e inquestionável. Além disso, é importante a utilização da semântica histórica para entender a linguagem da época e a transpor para a atual sem causar uma crise de sentido^{VI}.

Na utilização de periódicos enquanto fontes entende-se que “a escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social”^{VII}. Dentro dessa perspectiva, na produção do conhecimento histórico, o pesquisador deve compreender que os sujeitos balizam entre em duas interpretações, do historiador e do contexto ao qual se inserem. A sociedade deve ser levada em conta e a que segmento dela a história está direcionada^{VIII}.

Em relação à comunicação, pensando a partir do cotidiano atual, identificamos a praticidade no acesso às notícias de circulação diária por diversos meios de divulgação: impressos, virtuais, televisionados, além do rádio. Identifica-se a facilidade de comunicação e interação social com o mundo que nos cerca no apertar de um botão, no clique dos *smartphones* e no ato de ligar a televisão. Dessa forma, os meios de comunicação possuem um papel importante enquanto instrumentos de divulgação e disseminação de ideias em prol de uma ideologia, uma ação ou um acontecimento. Deve-se a isso:

A aceleração do tempo e o confronto com os artefatos da modernidade, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulam pelas cidades, os conflitos e esforços das elites políticas para impor sua visão

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE

de mundo e controlar as “classes perigosas”, a constituição dos espaços públicos e os meandros que refiam seu usufruto e circulação, a produção cultural e renovações estéticas, tudo isso passou a integrar as preocupações dos historiadores, que não se furtavam de buscar parte das respostas na imprensa periódica^{IX}.

Diante desta exposição levantamos o seguinte questionamento ao leitor, como conceber a circulação de informações em Aracaju na década de 1940? O cotidiano da cidade foi estudado a partir da sociabilidade e utilização dos espaços urbanos através dos meios de informação, nesse caso os jornais. A partir deles percebemos as principais formas de lazer e sociabilidade naquele período, as formas de fugir ao clima proporcionado pela guerra, além dos discursos em torno da guerra produzidos naquele período.

Os torpedeamentos de 1942 e o cotidiano de Aracaju

A partir do pressuposto da prática jornalística enquanto um “emprego de estratégias que promovem uma construção da realidade no e pelo discurso”^X ressaltamos que o acesso às novidades em Aracaju ocorria através dos impressos, como uma forma de apresentar o que ocorria no mundo, no Brasil e no Estado. Nas páginas de periódicos como “Correio de Aracaju”, “Folha da Manhã”, por exemplo, a parcela letrada de Aracaju tinha acesso as notícias referentes aos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial na Europa. Os cidadãos que não possuíam esse conhecimento ficavam à mercê das conversas e do que era passado “de boca em boca” na cidade.

A guerra, até então, só era vista nas páginas dos periódicos e nos cinejornais^{XI} exibidos nos cinemas da cidade. Isso se modifica entre fevereiro e agosto de 1942, após doze embarcações brasileiras já terem sido afundadas por submarinos do Eixo em águas internacionais causando 133 mortes. No litoral brasileiro a guerra não tardaria a chegar, pois a partir de maio começaram os ataques aos mercantes. O Baependi foi a primeira vítima e na mesma noite mais três navios foram afundados. Isso gerou uma revolta pública fazendo o Brasil declarar formalmente guerra à Alemanha e Itália em 31 de agosto do mesmo ano^{XII}.

Nesse contexto, Aracaju enfrenta um dos eventos mais traumáticos de sua história, em 16 de agosto de 1942, quando diversos navios mercantes são torpedeados por um submarino alemão nomeado de U-507. Corpos de civis (homens, mulheres e crianças), além da carga e de restos das embarcações chegam ao litoral de Sergipe causando medo na população que não tinha sequer o entendimento do motivo de tamanha tragédia.

Durante o tempo de espera por uma explicação para os ataques a tensão aumentava entre a população. A responsabilidade de informar o ocorrido e situar os torpedeamentos como fruto da guerra que ocorria no continente Europeu ficou sob a tutela dos jornais, que noticiaria os ataques somente dois dias após o ocorrido. Isso ocorreu, pois, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) controlava as informações que saíam nos jornais, que somente foram veiculadas no dia 18 de agosto de 1942.

Vandalismo Eixista. Covarde Agressão da canalha nazista. Torpedeados mais três navios brasileiros. De Luto o Brasil. Reina a consternação em todo

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE

território sergipano. Torpedeados e afundados três navios brasileiros- “Baependi”- Anibal Benevolo e “Araraquara”. Ontem, a cidade logo cedo, foi surpreendida com a triste notícia de que tinha torpedeado o vapor brasileiro Baependi, em águas sergipanas próximo à costa de Estância^{XIII}.

O cotidiano de Aracaju é alterado a partir desse fato, que foi considerado o estopim para o rompimento das relações do Brasil com o Eixo (Itália, Alemanha e Japão). A polícia passa a investigar as atividades subversivas de estrangeiros e ex-integralistas denominados como Quinta Coluna. Muitos desses suspeitos foram presos, acusados de ligação com as potências do Eixo e de ajudarem os alemães no ataque aos navios mercantes brasileiros, repassando informações privilegiadas do Brasil.

Neste contexto, a população aracajuana promove “durante dois dias, incêndios e cenas de depredação à propriedade particular dos alemães e italianos, sem que nenhuma força humana se pudesse opor à indignação da alma sergipana”^{XIV}. Um inquérito foi instaurado pelo chefe de polícia Enoque Santiago para apurar quaisquer atos contra o país. Os jornais alertavam a população para os perigos da quinta coluna: **Gabinete da Interventora. Noticiário.** O povo deve estar alerta contra as denúncias infundadas. Essa é uma das modalidades de ação da Quinta Coluna, afim de cavar a desconfiança e a discórdia entre todos^{XV}.

A revolta tomou conta da população, que realizando protestos passam a exigir um posicionamento do então Presidente Getúlio Vargas: era necessário responder aos ataques declarando guerra ao Eixo. “A manifestação de pesar dos estudantes. Enquanto isso os estudantes sergipanos, os colegas patricios, herdeiros de uma tradição de bravura e de civismo, se aglomeravam pelas ruas e praças da cidade (...)”^{XVI}.

O povo vai às ruas não somente em Sergipe. No Rio de Janeiro marcharam carregando cartazes que pediam a entrada do Brasil na guerra, chegando a queimar bandeiras nazistas às portas do teatro municipal. “A revista O Cruzeiro mostrou imagens do povo às portas do Palácio da Guanabara, onde um simpático e atencioso Getúlio ouviu os reclames da população”^{XVII}.

A repercussão dos torpedeamentos aparece no jornal norte-americano *The New York Times* que, citando os estados de Bahia e Sergipe, publica em 18 de agosto de 1942, a notícia referente ao ataque dos navios de cabotagem Baependy, Anibal Benévolo e Araraquara. Em seguida, informa que o governo anunciou ataques ao Itagiba e Araras na Bahia. Notas são destacadas ressaltando a indignação por parte do Brasil em relação ao ocorrido, que reforça a posição do governo de não permitir que esses atos fiquem impunes:

(...) Essa tentativa covarde contra os navios de marinha mercante de uma nação pacífica, tão longe do local da guerra, foi lançada com desrespeito pelos mais altos princípios de direito e sentimento humano” lê-se a nota (...) Nosso país, com a sua tradição, não tem medo dessa brutalidade e o governo está agora examinando medidas que tomará em vista dos acontecimentos (...) O povo deve permanecer calmo e confiante a acreditar que esses crimes contra a vida e a propriedade brasileiras não ficará impune (**tradução nossa**)^{XVIII}.

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE

Através dos jornais sergipanos foi possível perceber a carestia pela qual a população aracajuana passava, com a alta no preço dos produtos de primeira necessidade, sendo que por outro lado o salário permanecia estático. Cartas eram enviadas aos jornais como uma forma de alertar os abusos nos preços, além de demonstrar as dificuldades enfrentadas em tempos de guerra.

Apesar disso, a sociedade aracajuana mantinha a realização de suas festas e utilizava os espaços urbanos e sociais em diversas datas comemorativas como o Carnaval, São João, Réveillon, além das celebrações cívicas e religiosas como uma forma de manter a normalidade dentro do clima de tensão. Os principais espaços de sociabilidade encontrados consistem nos clubes e associações, praças e cinemas. O Parque Teófilo Dantas, a Rua da Frente, as esquinas mais escuras, como da rua de Capela eram pontos de encontro dos enamorados. Algumas notícias apresentam as chamadas para alguns desses eventos aracajuanos.

Vida Religiosa. A tradicional procissão de Bom Jesus nos Navegantes. Como em todos os dias primeiro de janeiro, realizou-se ontem à tarde a muito concorrida e tradicional procissão de Bom Jesus dos Navegantes. Inúmeras embarcações a vela acompanhavam o hiato em que ia a imagem do Senhor Bom Jesus, pelo estuário do rio Sergipe, enquanto por toda a extensão da Avenida Rio Branco e Ivo do Prado, a multidão de fiéis acompanhava o préstito religioso.^{XIX}.

Na Praça Fausto Cardoso localizada em frente ao Palácio do Governo e à Assembleia Legislativa aos domingos e feriados, à tarde e à noite, ao som de música, ora da polícia, ora do exército, as moças e os rapazes faziam seus “desfiles” naquele ambiente^{XX}. Na Praça Tobias Barreto aconteciam às festividades natalinas onde ela se transformava durante quinze dias a partir do dia 24 de dezembro. No parque Teófilo Dantas ocorria “Natal de Jesus”. Na Praça da Bandeira localizava-se o circo. Nesses espaços o Carnaval também ocorria, com desfiles que animavam os foliões e reuniam um grande contingente de pessoas e era noticiado nos periódicos como, por exemplo, **“O desfile.** A realização do desfile na segunda-feira à noite, arrastou à Praça Fausto Cardoso, grande multidão. Em coreto levantando a praça, encontrava-se a comissão julgadora, constituída de jornalistas e elementos do comércio local^{XXI}.

Percebeu-se de que forma os jornais construía os acontecimentos quando, em clima de protesto as manchetes dos jornais sergipanos utilizavam termos da guerra para estimular os cidadãos a participarem da folia do carnaval. Utilizando o termo *Blitzkrieg*, que significa guerra relâmpago, o Correio de Aracaju propõe um “ataque rápido” contra as tristezas proporcionadas pelo momento em um clima de igualdade e alegria.

“Blitzkrieg contra as tristezas da vida. De hoje à noite a terça-feira o povo quer somente a folia. O Carnaval em Aracajú. Finalmente, o Carnaval. O Carnaval é o esquecimento de todas as amarguras. O povo passa todo o ano pensando, sofrendo quase sempre. É preciso, porém, esquecer. Esquecer tudo de sério. Maguas, preocupações, anseios, preconceitos e credores. Esquecer, pois, a própria vida, aquela vida metódica, regulada, não pode fazer isso, é feio fazer aquilo. O homem precisa ressurgir dentro do cidadão, o inconsciente oprimido deve vir à tona com relativa pureza. O Carnaval é pois, uma grande instituição. É a grande válvula para todas as almas de ricos, de pobres, de brancos, mulatos e pretos. Os dias de Momo realizam a igualdade, todos se nivelam na alegria comum. Porque todos são criaturas humanas de um

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

**CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE**

desabado. Ou seja de uma confissão tão boa que na quarta-feira de cinzas todos estão leves, tão leves que parecem anjos. A guerra é que está atrapalhando. A guerra é a carestia. São dois fenômenos terríveis cuja lembrança talvez seja difícil afastar. O povo, entretanto, não quer se deixar vender e os foliões estão preparados para uma “blitzkrieg” em regra contra as coisas tristes da vida^{XXII}.

Há também a preocupação com a manutenção da moral e dos bons costumes, mostrando uma sociedade que zelava pela sua imagem e ordem. Uma portaria anunciada antes da realização do carnaval no ano de 1942 mostra atitudes que foram proibidas durante os dias de folia, dentre elas estão:

-proibir foliões que adotem qualquer manifestação de ordem política e que cantem canções ofensivas ao decôro das famílias.

-não permitir como fantasias carnavalescas símbolos patrióticos e também as bandeiras estrangeiras, bem como os símbolos da Cruz Vermelha^{XXIII}.

Nesse sentido, este estudo foi feito sobre outras perspectivas, privilegiando a transformação do cidadão comum em protagonista, percebendo quais as suas estratégias para encarar as alterações no cotidiano. A análise dos jornais sergipanos evidenciou uma movimentação na cidade de Aracaju que preservasse o máximo da normalidade. Entre blackouts e carestia os cidadãos realizavam suas tarefas diárias e cotidianas e fugiam ao controle social imposto pela guerra. Dentro dessa proposta, compreende-se o papel da imprensa que “apresenta-se como uma fonte privilegiada da percepção quente dos eventos do dia-a-dia, com toda a sua agitação e dispersão características^{XXIV}.

O rádio como transmissor de cultura e educação durante a Segunda Guerra Mundial em Sergipe

Além da importância da imprensa como meio de divulgação e disseminação de ideias durante a Segunda Guerra Mundial, o rádio também exerceu um papel significativo nesse período. Em meio a um conflito mundial e dentro de um contexto nacional ditatorial, este instrumento de comunicação configurou-se como um dos mecanismos legitimadores de poder e de maior alcance à época.

Desde a sua consolidação entre os anos 1930 e 1940, o rádio tem sido utilizado das mais diferentes maneiras e finalidades: pelo Estado, partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais e religiosos, além da sua função meramente comercial.

Em relação ao Estado, temos como exemplo, Benedito Mussolini (1883-1945), que lançou mão dessa ferramenta de comunicação na Itália, bem como o presidente Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), nos Estados Unidos, Adolf Hitler (1889-1945), na Alemanha, que, ao ser designado Chanceler, os nazistas utilizaram o rádio para propaganda e, em 1931, tentaram influenciar na nomeação dos diretores das emissoras. Por fim, na América do Sul, citamos os casos de Juan Domingo Péron (1895-1974), na Argentina e Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), no Brasil^{XXV}.

Em entrevista concedida ao jornal O Globo, em 2001, o historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva, afirmou ter tido acesso a documentos inéditos no Arquivo Federal da Alemanha que revelaram como o III Reich estabeleceu por aqui sua extensa rede de comunicações no início dos anos 40. Segundo Teixeira, as forças nazistas montaram uma rede de radiodifusão na América do Sul que chegou a contar com 40

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE

emissoras, 15 delas no Brasil, para derrotar os aliados na guerra pelo apoio da opinião pública. Rádios, jornais e cinemas foram comprados, alugados ou subvencionados no esforço alemão para se contrapor à influência americana e britânica, segundo os relatórios e telegramas encontrados pelo historiador.

Nas ondas do rádio, em todo o Brasil, quinze emissoras transmitiam informes da guerra que favoreciam apenas a ação nazista. Dois jornais cariocas, a Gazeta de Notícias e o Meio-Dia, também publicavam notícias simpáticas à Alemanha. Como o Brasil de Getúlio Vargas ainda não se havia decidido por entrar na guerra e tampouco era possível afirmar de que lado ele ficaria, a força eixista tratou de montar aqui uma rede de comunicações cujo objetivo era conquistar a opinião pública brasileira em favor da campanha alemã no conflito.

De acordo com o historiador, mesmo após o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha, em agosto de 1942, ainda funcionavam de forma camuflada cinco emissoras radiofônicas no Rio de Janeiro e mais quatorze emissoras espalhadas pelo país por meio de subvenções.

Ainda em relação ao Brasil, foi nas décadas de 30 e 40 que surgiram as grandes emissoras, acompanhando uma legislação que demonstrava a intenção de fazer do rádio um instrumento político. De acordo com Maria Helena Capelato (1998), nessa época verificou-se a ampliação da cultura do rádio, tanto em relação ao número de estações de radiodifusão presentes, passando de 67 em 1937, para 111 em 1945, quanto no que se refere aos rádios receptores, que cresceram de 357.921, para 659.762 em 1942.

Ampliando esse instrumento de comunicação, os ideólogos estadonovistas notavam a possibilidade de propagar sua doutrina com maior facilidade, estabelecendo uma nova percepção de homem, de Brasil e de Cultura. Segundo eles, dois campos complementares encontravam-se afastados antes do Estado Novo: o da cultura e o da política, pois a Velha República havia separado o homem – cujo domínio é o da cultura – do cidadão – cujo domínio é o da política.

Para reaproximar estes dois domínios, o rádio foi considerado indispensável. Apesar de ter surgido oficialmente no Brasil em 1922, com a breve *Rádio Corcovado*, no Rio de Janeiro, acompanhando assim nações como Argentina, Inglaterra, França e Alemanha no processo de experiências radiofônicas, o Brasil dos anos 1920 não apresentou um ritmo de crescimento deste veículo tão intenso quanto os demais países^{XXVI}. Limitado aos chamados clubes ou sociedades – como a *Rádio Clube do Brasil* –, o novo condutor atingia, inicialmente, um público elitizado, cujas emissoras possuíam uma programação marcada por músicas eruditas e palestras^{XXVII}.

Os anos 1930 apontaram duas modificações significativas neste quadro. A primeira, a superação da característica elitista do rádio. O período assistiu ao começo de uma aproximação deste meio de comunicação com a classe média e ao estabelecimento de medidas oficiais, que compuseram a segunda grande mudança na radiodifusão brasileira: a oficialização do rádio educativo^{XXVIII}.

A confirmação do papel educativo do rádio pode ser vista no acordo realizado em 1936 entre Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) – fundador da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* (1ª emissora efetiva do país, de 1923, dona do prefixo PR-2), – e Gustavo Capanema (1900-1985) – ministro da Educação. Pelo pacto, o controle da estação era transferido para o Ministério da Educação e Cultura. Na solenidade de entrega, em 7 de setembro de 1936, Roquette-Pinto declarou: “Entrego esta Rádio com a mesma emoção com que se casa uma filha”^{XXIX}. A Rádio Sociedade tornou-se *Rádio*

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE

Ministério da Educação ou simplesmente *Rádio MEC*. O rádio deveria ser, portanto, um meio de comunicação voltado principalmente para a transmissão de educação e cultura^{XXX}.

Neste contexto, entre as medidas oficiais no intuito de coordenar a produção da imprensa e as demais atividades culturais do Brasil, surgiu o **DIP** – Departamento de Imprensa e Propaganda, em 27 de dezembro de 1939, através do decreto-lei de 1915. Conforme Aline Lacerda, o novo órgão possuía forte pretensão didática e deveria ser capaz de “desempenhar uma função educativa e coercitiva junto às massas”^{XXXI}. Inicialmente sob o comando do jornalista sergipano Lourival Fontes (1898-1967), o DIP detinha satélites regionais, os chamados **DEIPs** – Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda^{XXXII}.

No Brasil, ampliando o rádio, os ideólogos estadonovistas vislumbravam a possibilidade de espalhar sua doutrina com maior facilidade. Doutrina que instituiu uma nova percepção de homem, de Brasil e de Cultura. Neste sentido, não é difícil compreender a preferência pelo uso didático do rádio no Estado Novo. Graças ao seu poder de alcance, esse instrumento poderia atingir os locais mais distantes sem precisar de um público necessariamente alfabetizado. Isto ganha alta relevância em um país onde 56,4% da população encontrava-se, em 1940, analfabeta^{XXXIII}.

Segundo Sérgio Cabral, Getúlio Vargas foi o primeiro governante latino-americano a utilizar-se do rádio tal qual Hitler. Vargas declarou em 1º de maio de 1937 que seu governo investiria no crescimento radiofônico, afirmando o desejo de instalar aparelhos ligados a alto-falantes “facilitando a todos os brasileiros, sem distinção de sexo nem idade, momento de educação política e social, informes úteis aos seus negócios e toda sorte de notícias tendentes a entrelaçar os interesses diversos da nação”^{XXXIV}.

Portanto, com uma linguagem moderníssima à época, a radiodifusão realça a tentativa de coibição da cultura no Estado Novo. Aclamado como “elemento integrador”^{XXXV} o rádio necessitava, contudo, de mensagens claras ao público diversificado que já existia desde o final dos anos 1920. Assim, o rádio precisou ser “educado para educar”^{XXXVI}.

Os aspectos cultural e educativo do rádio foram evidenciados durante todo o período estadonovista e, conseqüentemente, durante a Segunda Guerra Mundial no Brasil. Em 02 de setembro de 1938, por exemplo, foi regulamentado através da Resolução de N. 1262, do Decreto nº 9.762, outorgado em 31 de agosto de 1938, na cidade de Vitória / ES, o Curso de Aprendizado do Serviço de Educação pelo Rádio e Cinema Escolares. A implementação desse curso, visava tornar o rádio e o cinema como colaboradores das escolas na tarefa de educar, bem como objetivava estimular e fortalecer o sentimento de civismo e de unidade nacional.

Assim, para atingir esse intuito, o Departamento de Educação do Espírito Santo deveria:

Artigo 23º - Providenciar a fim de que a educação pelo cinema e pelo rádio se estenda a todos os estabelecimentos de ensino primários e secundários.

Artigo 34º - Os programas de irradiação do S.E.R.C.E (Serviço de Educação pelo Rádio e Cinema Escolares) serão destinados a desenvolver o gosto pelas belas artes, pelas palestras e conferências literárias e científicas, pelo folc-lore (sic) nacional e

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE

terão ainda a finalidade de mostrar aos lares e à escola as expressões artísticas culturais do Estado e do País.

Semelhantemente ao caso do Espírito Santo, ainda podemos mencionar outro exemplo relacionado à tentativa de imprimir ao rádio, um caráter voltado para a cultura e educação no país. Em 22 de abril de 1943, já com a Segunda Guerra Mundial em curso, o Diretor da Divisão de Educação Extra-Escolar do Rio de Janeiro, José Augusto de Lima, escreveu uma carta ao Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação, Abgar Renault, a respeito da importância do rádio como meio de comunicação insubstituível diante de um país com ampla dimensão territorial e sobre a necessidade de uma reavaliação dos programas transmitidos através desse tipo de mídia.

Lima demonstrou preocupação com o fato dos programas de rádio à época, estarem voltados para atenderem ao gosto popular, em detrimento do propósito, segundo ele, “de procurar elevá-lo ao nível correspondente ao nosso grau de civilização”^{XXXVII}. Tal afirmação reitera o aspecto indicado por Mônica Pimenta Velloso em relação à necessidade de se educar o rádio, no intuito de oferecer aos ouvintes, programas que cumprissem o papel de formação ou adequação de um novo modelo de sociedade.

Assim, ele seguiu apontando na correspondência, que os programas de rádio no Brasil estavam sofrendo duras críticas e que os motivos dessa “decadência” se encontravam atrelados aos interesses econômicos por parte da administração das empresas de radiodifusão e dos patrocinadores das irradiações, que visavam público numeroso para a propaganda dos seus produtos comerciais.

Para solucionar este problema, Lima entendia que a ação do Governo no sentido de elevar a qualidade do rádio no Brasil, teria, necessariamente, de ser indireta, visando antes ao estímulo que à imposição de normas e preceitos legais. Para tanto, seria preciso, acima de tudo, oferecer compensação ao esforço das empresas; auxiliar o artista, valorizando seu repertório e, finalmente, educar o patrocinador de programas, premiando-lhe o concurso sob forma que pudesse resultar em proveito prático para os seus objetivos de cunho comercial.

Verificamos a partir desses exemplos como o rádio, durante a Segunda Guerra Mundial no Brasil, por intermédio do Governo de Vargas, foi forjado para ser um instrumento de educação e cultura^{XXXVIII} consolidado no país. Esse meio de comunicação espalhou-se pelas regiões brasileiras, através de várias estações de radiodifusão. Na região Nordeste, por exemplo, podemos citar a Rádio Aperipê de Sergipe, a primeira rádio difusora do estado, inaugurada oficialmente em 1939.

Desde suas transmissões iniciais, ainda em 1936, a Rádio Aperipê já trabalhava com uma proposta nitidamente educativa. O papel a ser desenvolvido pela emissora era o de construir uma memória coletiva e o de erguer grandes personagens na vida nacional e regional. As palestras e os programas difundidos demonstravam bem este propósito. Mediante o rádio, o ouvinte encontrava-se com a Nação.

No entanto, a formação de uma rádio local exigiu de Sergipe nomes para ocupar os seus quadros. Assim, cantores, poetas, jornalistas, músicos e técnicos foram acrescentados ao trabalho. A Rádio Aperipê, dona do prefixo **PRJ-6**, necessitava funcionar. A atenção dispensada aos programas caminhava paralelamente com o zelo da

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE

PRJ-6 em oferecer uma pluralidade de temas que, de modo aparentemente “eventual”, alcançassem um público maior do que aquele obtido pelas palestras unicamente doutrinárias, preocupadas em divulgar a ideologia do regime.

Assim, para a tarefa de elaborar programas e coordenar o trabalho de artistas e locutores, foram convidados intelectuais de áreas diversas. A solicitação de um corpo de intelectuais sugere que a radiodifusão passou a preencher um espaço importante nas atividades culturais do Departamento de Propaganda em Sergipe. O poeta João Freire Ribeiro foi um dos convocados a cuidar da programação cultural. Além de Freire Ribeiro, nomes como João Marques Guimarães (advogado), Luis Pereira de Melo (advogado) e Epifânio Dória (pesquisador autodidata) constituíram o corpo de colaboradores na propaganda estatal. Reunidos no Departamento Estadual de Propaganda, os convocados deveriam promover atividades de educação cívica e apologia ao regime.

Em meio às opções de programas, as exhibições de canto orfeônico e as palestras educativas eram pontos dos mais recorrentes nas diferentes atividades comemorativas^{XXXIX} organizadas pela propaganda estatal. Em novembro de 1939, por exemplo, o DPDE apresentava na *Rádio Aperipê*: 1 – às 12h, “*audição orfeônica do grupo ‘General Valadão’*. Palestra: *o papel das Forças Armadas no Estado Novo, pelo capitão dos Portos Aldo de Sá Brito e Souza*” (12/11); 2 – Também às 12h, “*Hora da Bandeira – audição orfeônica do grupo escolar ‘Dr, Manoel Luiz’*”^{XL}.

Com a chegada da Guerra e a entrada oficial do Brasil no conflito em 1942, muitos programas concentraram seus esforços em construir representações do evento para os sergipanos. Para saber da Guerra e estar consciente do que ocorria a partir de seus resultados, era só sintonizar o dial e ouvir, através da *Aperipê*, programas como “*Homens desta Guerra*”, “*Há quem ignore este fato na história desta Guerra*”, “*Crônica de Guerra*” ou “*A Guerra do Dia a Dia*”^{XLI}.

Através do rádio realizava-se também o culto aos heróis nacionais/locais. Partindo da divisão proferida pelos teóricos do regime entre o “Brasil Velho”, o “Estado Velho” e o “Estado Novo”, a PRJ-6 convidava seus ouvintes a conhecerem os heróis que os novos tempos teriam, aqueles que mereciam ser lembrados^{XLII}. Aconselhava-se, portanto, que a emissora, elencando e descrevendo personagens que deveriam ser lembrados, desempenhasse a sua função como veículo “instrutivo” e “intelectual”^{XLIII}.

A noção da importância e do papel fundamental da radiofonia também aparece no volume de emissões oficiais feitas no período. Informando sobre o DPDE, um dos seus diretores escreveu ao Interventor que, com pouco mais de três meses de existência, o DPDE já havia realizado 387 transmissões do *seu Boletim Diário de Informações Oficiais e Telegráficas*.

Portanto, sem dúvida, o rádio configurou-se como um meio de comunicação relevante no período da Segunda Guerra Mundial no Brasil. Embora reconheçamos o valor de veículos como a Imprensa e o Cinema na cultura de massa, não podemos diminuir o papel do rádio. Sobretudo, se levamos em conta que antes de ser “expulso das salas para quarto, para o banheiro, para a cozinha e para os automóveis”^{XLIV}, o rádio foi o grande educador do Estado Novo.

Considerações Finais

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

**CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE**

Ao analisar de que maneira a cidade de Aracaju vivenciou o cotidiano proporcionado pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945) no que diz respeito ao uso dos espaços de sociabilidade e lazer percebemos o quanto a historiografia produzida sobre o tema privilegia aspectos de grandes metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro ao se referir ao período. Nesse sentido, destaca-se a importância de novas abordagens a partir de Sergipe e os torpedeamentos de 1942, além das possibilidades de ampliação do tema ao incluir o Nordeste como uma região propícia para o desenvolvimento de estudos relacionados à Segunda Guerra Mundial.

Podemos pensar que é possível produzir uma historiografia sobre cidades como, por exemplo, Natal no Rio Grande do Norte que se tornou base de guerra após a entrada do Brasil no conflito. Portanto, entendemos que o tema não encontra-se esgotado e nesse sentido cabe ao historiador aprofundar-se em novas fontes para ampliar as análises referentes ao tema na historiografia local e assim promover sua inserção na historiografia nacional.

A partir da imprensa percebemos a movimentação na cidade de Aracaju sujeita a uma nova realidade promovida pela guerra. Os periódicos demonstram de que maneira as informações eram postas e a sua importância nesse contexto. Dentro dessa perspectiva não se pode esquecer a censura que, por vezes, silenciou a imprensa ou colaborou para criar as condições que levaram ao seu amordaçamento^{XLV}.

Nesse caso, identificou-se através dos periódicos a ideia que era disseminada em torno da participação do Brasil na guerra como, por exemplo, a de honrar as vítimas dos torpedeamentos. Para além disso, as denúncias referentes à Quinta Coluna, os anúncios de blackouts e toques de recolher, os reclames sobre aumento dos preços nos produtos de necessidade básica, as festividades e as formas de manutenção da normalidade em Aracaju.

Além disso, a partir desse trabalho, podemos compreender como o rádio se tornou um relevante meio de comunicação nas décadas de 30 e 40, sendo amplamente utilizado por estadistas europeus como Mussolini e Hitler, bem como por governantes sul-americanos, como Perón e Vargas, para citarmos apenas alguns, com o objetivo de difusão de ideias, propaganda política e formação de cidadãos.

No Brasil, Getúlio Vargas percebeu no rádio, a oportunidade de estabelecer um contato mais próximo com a população, uma vez que o presidente podia ser ouvido por cada indivíduo, ao mesmo tempo, em diferentes locais do país. Diante disso, os programas transmitidos passaram a ser cuidadosamente pensados, apresentando uma proposta voltada para a educação e cultura política.

Desta feita, verificamos através da bibliografia e documentação utilizada, que havia uma preocupação por parte dos órgãos competentes, em educar o rádio para que ele educasse a população de acordo com os objetivos do Estado Novo. Para isso, a programação radiofônica deveria atender aos anseios do Governo, aos interesses dos patrocinadores, ser também atrativo ao público em geral, mas sem perder a “qualidade” na exibição das músicas, palestras, conferências e expressões artísticas.

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE

No entanto, lembremos que o intuito era educar para obter um maior controle e transmitir cultura política, a fim de construir um sentimento de nacionalidade quanto à noção dos direitos e deveres e homogeneização da sociedade. Nesse sentido, podemos afirmar que o rádio, durante a Segunda Guerra Mundial no Brasil, cumpriu um papel fundamental enquanto meio de comunicação, transmitindo as notícias referentes aos impactos deixados pelo conflito, encurtando distâncias e estreitando os laços desse sentimento nacional e patriótico no país.

^I Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto "O Pearl Harbor brasileiro: cotidiano em Sergipe na Segunda Guerra (1942-1945)", apoiado pelo CNPq através dos Editais - MCTIC/CNPqNº 28/2018 e CNPq Nº 12/2016.

^{II} Graduada em História na Universidade Federal de Sergipe (DHI/UFS). Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS). Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS). E-mail: caroline@getempo.org. **Orientador:** Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard.

^{III} Graduada em História na Universidade Federal de Sergipe (DHI/UFS). Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS). E-mail apenburg@getempo.org. **Orientador:** Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard.

^{IV} TORRES, 1999, p. 142.

^V Foi influente na construção de uma história científica, com formulações de hipóteses verificáveis, espírito crítico, recusa ao fato histórico isolado e abertura a novos métodos, técnicas e problemáticas. A terceira geração dos Annales foi marcada por uma virada crítica na tendência historiográfica, se preocupando em preservar a integridade da disciplina considerada como ciência social do tempo. O tema cultural entrou em crescente interesse e o fato dele interagir com as expectativas socioeconômicas e os efeitos dessas interações. Renovaram as temáticas, a antropologia ganha espaço como interlocutora dos historiadores, a história total continuou sendo almejada como antes, com um enfoque para a micro-história e a história do cotidiano. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

^{VI} LE GOFF, 2001.

^{VII} CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia, p.118.

^{VIII} PROST, 2008.

^{IX} LUCA, p.120.

^X BARBOSA, p. 113.

^{XI} Noticiários exibidos antes dos filmes, trazendo notícias da guerra.

^{XII} FERRAZ, 2005.

^{XIII} Folha da Manhã 18-08-1942.

^{XIV} CABRAL, p.270.

^{XV} Folha da Manhã 28-08-1942.

^{XVI} Folha da Manhã 18-08-1942.

^{XVII} CRUZ, 2010.

^{XVIII} This cowardly attempt against the ships of the merchant marine of a pacific nation, far away from the seat of war, was launched with disregard for the highest principles of right and human feeling," the note reads. (...) Our country, with its traditions, will not be afraid of this brutality and the government is now examining measures it will take in view of the happenings. (...) The people must remain calm and confident and sure that these crimes against lives and Brazilian property will not go unpunished. (*The New York Times*, 18-08-1942).

^{XIX} Correio de Aracaju 02-01-1942.

^{XX} CABRAL, 1955.

^{XXI} Correio de Aracaju 18-02-1942.

^{XXII} Correio de Aracaju 14-02-1942 Página 5.

^{XXIII} Correio de Aracaju 11-02-1942.

^{XXIV} BARBOSA, p.115.

^{XXV} HAUSSEN, 1997, p. 7:8.

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE

XXVI BAHIA, 1990.

XXVII TAVARES, 1997.

XXVIII MOREIRA, 1991.

XXIX TAVARES, 1997, p. 06.

XXX MOREIRA, 1991.

XXXI LACERDA, 1994, p. 243.

XXXII Internamente, o DIP possuía as seguintes divisões: Imprensa, Divulgação, Teatro, Cinema, Turismo e Radiodifusão. Esta última deveria realizar a censura prévia de programas radiofônicos e músicas, além de estar voltada para o trabalho de integração nacional. Cf. GOULART, Silvâna. **Sob a Verdade Oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990.

XXXIII GOULART, 1990.

XXXIV CABRAL, 1979.

XXXV SILVEIRA, 1941.

XXXVI VELLOSO, 1987.

XXXVII CPDOC / FGV, 1943, p. 96.

XXXVIII Compreendemos cultura nesse contexto, mediante a concepção de Mônica Pimenta Velloso, que trabalha com o conceito de Cultura Política como um dos núcleos mais sólidos do Estado Novo. De acordo com a autora, a Cultura Política visa difundir uma ideologia política pré-determinada, com a finalidade de alcançar as camadas populares, através das mais variadas manifestações culturais, como a música, as artes, a literatura, objetivando homogeneizar a população e acomodá-la ao regime, mediante a propaganda pelos meios de comunicações disponíveis à época (VELLOSO, 1987).

XXXVIII Dentre os eventos planejados constam: Inauguração da Praça “Getúlio Vargas”, desfile cívico (com estabelecimentos de ensino secundário, normal e primário), exibição de filmes sobre assuntos patrióticos, missa em ação de graças, regatas, inauguração de um “altar da pátria”, entre outros. Os eventos ocorreram nos dias 10, 11, 12, 15 e 19 de novembro. Sobre isto ver: MAYNARD, Dilton Cândido S. **A Voz de Sergipe: Rádio, Povo e Poder em Sergipe durante o Estado Novo**. UFS/PIBIC/CNPq: São Cristóvão, ago. 1999. (Relatório Final). p. 83.

XXXIX Dentre os eventos planejados constam: Inauguração da Praça “Getúlio Vargas”, desfile cívico (com estabelecimentos de ensino secundário, normal e primário), exibição de filmes sobre assuntos patrióticos, missa em ação de graças, regatas, inauguração de um “altar da pátria”, entre outros. Os eventos ocorreram nos dias 10, 11, 12, 15 e 19 de novembro. Sobre isto ver: MAYNARD, Dilton Cândido S. **A Voz de Sergipe: Rádio, Povo e Poder em Sergipe durante o Estado Novo**. UFS/PIBIC/CNPq: São Cristóvão, ago. 1999. (Relatório Final). p. 83.

XL Folha da Manhã, 09/11/1939, p.01.

XLI Correio de Aracaju, 15/06/1943.

XLII VELLOSO, 1987.

XLIII CONTIER, 1998; VELLOSO, 1987.

XLIV TAVARES, 1997.

XLV LUCA, 2005.

Referências Bibliográficas

BAHIA, Juarez. O milagre das ondas misteriosas. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Pedro Luis Navarro. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. – São Paulo, 2003.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Liv. Regina, 1955.

CABRAL, Sérgio. Getúlio Vargas e a Música Popular Brasileira. ABC de Sérgio Cabral: um desfile dos craques da MPB. Rio de Janeiro: Cobecri, 1979. (Coleção Edições do Pasquim; v. 55).

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE

CARDOSO, Ciro Flamarion; VINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CAPELATO, M.^a Helena Rolin. Estado Novo: novas histórias. In.: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

CONTIER, Arnaldo D. **Passarinhada do Brasil: canto orfeônico, educação e getulismo**. Bauru, SP: EDUSC, 1998. 68p. (Coleção Essência).

FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a segunda guerra mundial**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GOULART, Silvâna. **Sob a Verdade Oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio e Política: tempos de Vargas e Perón**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

LACERDA, Aline Lopes de. A Obra Getuliana ou como as imagens comemoram o regime. **Estudos Históricos – Comemorações**. Rio de Janeiro: FGV, v.7, n. 14, jul.-dez. 1994.

LUCA, Tânia Regina de,. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. Fontes históricas. org. PINSKY, Carla Bassanezi. - São Paulo: Contexto, 2005. p. 112-153.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **O uso político dos personagens Disney e a aproximação Brasil/EUA durante a Segunda Guerra Mundial** in DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge; LAPSKY Igor, SCHURSTER, Karl (organizadores). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Editora Multifoco. 1^o edição, 2010.

MAYNARD, Dilton Cândido S. **A Voz de Sergipe: Rádio, Povo e Poder em Sergipe durante o Estado Novo**. UFS/PIBIC/CNPq: São Cristóvão, ago. 1999. (Relatório Final). p. 83.

MOREIRA, Sonia Virginia. **O Rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

PROST, Antoine. **Doze Lições sobre a história**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira-Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. “**Nas Ondas do Reich**”. Entrevista concedida ao jornal O Globo, em 21/01/2001. Disponível em: <http://www.academia.edu/14471206/NAS> ONDAS DO TERCEIRO REICH uma entrevista. Acesso em: 23/05/2017, às 01:44hs.

SILVEIRA, Décio Pacheco. Rádio. Cultura política. RJ: Indústria do Livro, n. 01, ano 01, mar. 1941.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o Rádio não contou**. São Paulo: Negócio, 1997. Ilust. 1997.

TORRES, Andréa Sanhudo. **Imprensa: política e cidadania**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. 252 p.; (Coleção História, 29).

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os Intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1987.

FONTES

A IMPRENSA E O RÁDIO EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

CAROLINE DE ALENCAR BARBOSA
MÔNICA PORTO APENBURG TRINDADE

Documentos

Ministério da Educação e Saúde. Departamento Nacional de Educação. Divisão de Educação Extra-Escolar. Rio de Janeiro, DF. 22 de abril de 1943. Correspondência – p. 69. CPDOC / FGV.

Secretaria de Educação e Saúde. Departamento de Educação – E. Santo. Decreto nº 9.762 – 31/08/1938. (Reorganiza o Serviço de Educação pelo Rádio e Cinema Escolares). Resolução N. 1262, de 02/09/1938. (Regulamenta o Curso de Aprendizado do Serviço de Educação pelo Rádio e Cinema Escolares/Vitória). CPDOC / FGV.

Jornais

Folha da Manhã, 09-11-1939.

Folha da Manhã 18-08-1942.

Folha da Manhã 28-08-1942.

Correio de Aracaju, 15/06/1943.

Correio de Aracaju 02-01-1942.

Correio de Aracaju 11-02-1942.

Correio de Aracaju 14-02-1942.

Correio de Aracaju 18-02-1942.

Correio de Aracaju 05-06-1942.

The New York Times, 18-08-1942.